

---

Coleção Clássicos Universais

# Caramuru

**José de Santa Rita Durão**

Adaptação de Paula Adriana Ribeiro

2ª Edição



**F**orma-se uma tempestade que sacode o barco violentamente. A tripulação tenta se segurar nos mastros, mas eles se partem ao meio. O naufrágio é inevitável. Sete homens salvam-se e, nadando, chegam a uma praia.

Quando olham ao redor, percebem a presença de uma gente estranha que causa muito espanto. A cor, os cabelos, a barba, o rosto, tudo é diferente do que se estava acostumado a ver. Essa gente olhava, tocava e sentia receio como se também estivesse estranhando aquele grupo de homens brancos e vestidos que lá apareceu.

De repente, um dos náufragos morre e antes mesmo que o corpo esfrie é retalhado e devorado

2

pelos selvagens. A cruel gula é tanta que assombra o resto do grupo, que assiste a tudo paralisado.

Os homens que ainda possuem vida observam os selvagens. Tinham o corpo pintado de vermelho, o nariz e o rosto furados onde enfiavam paus, a boca ensanguentada, o lábio inferior caído. Tanto os homens como as mulheres andavam nus, com algumas penas enfeitando-os.



Os sobreviventes são levados para a aldeia onde moram os nativos que oferecem a eles muita comida, bebida e descanso. Tudo está tranquilo, mas é justamente essa tranquilidade que assusta Diogo, um dos sobreviventes.

— Se essa gente é capaz de comer um morto, por que não comeria um homem vivo? — pergunta-se.

Ele está certo em pensar assim e parece até que adivinha o que está para acontecer com ele e seus companheiros. Os selvagens dão alimento a eles para que fiquem fortes e sirvam como um grande banquete.

4

Eles são mantidos prisioneiros por algum tempo até que chega o dia da tão esperada festa. Os prisioneiros não conhecem o verdadeiro motivo da comemoração. A aldeia está preparada para o espetáculo que ali irá se apresentar.

O horror começa e a chacina é cruel. Os seis que sobreviveram por um certo tempo agora serão devorados com maior voracidade que o primeiro. Eles pedem socorro, mas de nada adianta, então começam a rezar e a pedir perdão pelos pecados cometidos em vida.

*Chacina: matança.*

*Voracidade: grande e insaciável apetite.*



**D**e repente um estrondo no ar ecoa. Flechas, dardos e pedras cobrem o céu. Gritos são ouvidos e o medo espalha-se entre os selvagens. A sorte muda de lado, pois aquele que era o caçador agora virou caça.

O responsável pelo ataque é Sergipe, príncipe justo e corajoso que deseja vencer Gupeva, cruel líder das aldeias do recôncavo da Bahia. Gupeva é quem comanda a matança dos seis europeus.

Por toda a parte, pessoas são mortas e as que não são entregam-se ao domínio de Sergipe. No meio de tamanha desgraça, encontra-se vivo Diogo, que logo é solto por ordens de Sergipe. Ele será levado, como escravo, para sua terra, onde as leis são mais brandas.

6

Na viagem, não se sabe ao certo o que aconteceu, mas o fato é que não chegam à terra de onde saíram. Diogo mais uma vez escapa e resolve enfrentar a morte, já que esta é certa. Morreria sim, mas lutando pela vida.

Entra na caverna onde estão armas e escudos. Veste-se de metal e escolhe a arma com a qual irá enfrentar seus inimigos. Enquanto faz isso, pensa que talvez os nativos possam temê-lo, pois, assim como para ele tudo é estranho, aquela roupa e as armas para eles seriam novas e não teriam como se defender do desconhecido.

*Recôncavo: cavidade funda; vale.*



**D**iogo sai da gruta trazendo não só armas mas também pólvora. O povo que com ele se encontra foge para o mato e lá se esconde. O medo transforma as faces antes ameaçadoras.

Diogo aproveita-se da situação e, para garantir o triunfo, usa a pólvora que, diante de olhos incrédulos, transforma-se em fogo.

Os nativos conheciam o fogo, que era conseguido através da fricção de pedaços de madeira. O resultado desse processo era demorado e inferior ao que consegue Diogo com o uso da pólvora, por isso causa tanto espanto.

O terror aumenta tanto que alguns chegam a desmaiar, outros choram pedindo clemência. Ao ver

8

o desespero dessa gente, Diogo, homem generoso, começa a acalmá-los. Ele diz que nada precisam temer se o considerarem um amigo.

— Estas armas e este fogo servem para combater inimigos. Se são meus amigos, nada têm a temer. Elas servirão para combater os seus inimigos, que serão meus também.

O líder Gupeva treme tanto de pavor que cai e só não vai ao chão porque Diogo o segura e borrifa água em seu rosto para que desperte.



— **S**ou um amigo e não usarei o fogo contra você. Porém, se alguém comer carne humana, ponho fogo em tudo — fala Diogo batendo o pé com firmeza.

O guerreiro aos poucos recupera a razão e reconhece onde está e com quem fala. Diogo coloca em suas mãos a arma que carrega e assim diminui o medo que se apoderava de sua alma.

— Se foi mandado para cá pelo grande Tupã e trouxe consigo uma nova lei para o povo da Bahia terá, se quiser, na cabana, mulheres, caça, peixe e carne humana — oferece Gupeva.

IO

— Carne humana! — exclama Diogo — Se eu vir alguém comendo, colocarei fogo em tudo. Como podem comer a morada do espírito? Não. Isso eu não aceitarei.

Diogo leva os selvagens para dentro da caverna onde lhes apresenta a bagagem que conseguiu salvar do naufrágio. Os homens observam tudo e até tocam os objetos, mas sempre com receio, pois ainda não esqueceram a terrível cena a que assistiram. Gupeva fica admirado ao ver uma pintura de mulher que Diogo lhe mostra. A figura lhe parece tão bela que julga ser a mãe de Tupã.

*Tupã: deus maior do povo indígena.*



**D**iogo fica encantado com as palavras de tão rude criatura, pois o quadro representa a imagem de Nossa Senhora, mãe de Deus. Ele diz a Gupeva:

— Esta é a imagem da mulher que gerou o filho de Deus. Ela é minha mãe, nossa mãe, mãe de todos. Peçamos a ela que nos proteja.

Ditas essas palavras, Diogo ajoelha-se diante do quadro. Gupeva imita-o e, vendo que o europeu chora, também chora. A diferença é que o selvagem acredita que a imagem está viva.

No dia seguinte, Gupeva já não é mais aquele cruel líder que era. Ele chama todo o povo para o ouvir:

12

— Foi mandado por Tupã um herói para conviver conosco. A sua coragem e o seu poder devem ser reconhecidos. A ele devemos respeito e às suas palavras obediência.

Diogo sabe que a idolatria não é um bem que deva ser cultivado e tenta explicar que é igual a todos que ali se encontram, mas, a partir daquele instante, torna-se o Grande Caramuru, o enviado de Tupã.



O português se estabelece em uma cabana na aldeia. Lá recebe visitas que sempre trazem oferendas. Ele quer conhecer mais sobre essa gente com quem agora divide a vida, porém a língua ainda é um obstáculo para um diálogo mais longo e profundo.

Existe uma índia que aprendeu a língua portuguesa quando foi tomada prisioneira por exploradores que antes aportaram na Bahia. Muito bonita e de pele branca, é esposa de Gupeva. Ela não nutre por ele nenhum amor e nem ele por ela, mas mesmo assim a trata com muito respeito. O nome dela é Paraguaçu.

Paraguaçu é levada até a cabana de Diogo a fim de traduzir a conversa entre ele e Gupeva.

14

Ao entrar, causa verdadeiro encantamento em Diogo, que não acredita no que seus olhos veem. Os dois apaixonam-se imediatamente. Gupeva acaba cedendo a mulher ao temido Caramuru. Eles juram amor eterno:

— Prometo amor que sobreviva à própria vida e que até depois da morte nunca se apague — promete Diogo.

— Esposo, eu o adoro desde o momento em que o vi. Quero o batismo seu, quero a sua igreja, que meu povo seja o seu, seu Deus seja meu — fala Paraguaçu.



**D**iogo consegue saber mais sobre os costumes do povo de Tupã. Paraguaçu traduz o que Gupeva conta. O forasteiro surpreende-se com as revelações que este lhe faz. Apesar de ser um povo rude, eles têm leis às quais obedecem firmemente. Há uma organização, hierarquia e respeito pelo matrimônio, pelos filhos, pela terra, pela amizade e principalmente pelos mais velhos, que consideram os mais sábios.

Durante essa conversa, ouvem-se barulhos e gritos que anunciam um ataque. Jararaca, chefe de uma aldeia vizinha, invade a aldeia. A invasão é noturna e feita por uma tropa composta de mais de trinta mil homens.

16

Jararaca tem um motivo pessoal para atacar o povo de Gupeva: Paraguaçu. Um dia dormia a moça à beira de um lago quando Jararaca encontrou-a. Ele ficou encantado com sua beleza. Ao acordar, Paraguaçu assustou-se com a presença do estranho que a observava insistentemente e fugiu. Jararaca correu atrás dela, que se escondeu na cabana de seu pai. Então ele, completamente apaixonado, disse a Taparica, pai da moça, que desejava tê-la como esposa. Mas o seu pedido foi negado, pois Paraguaçu não sentia por ele nenhum afeto.



J araraca quer vingança, porque, se já não aceitava a ideia de ter perdido Paraguaçu para Gupeva, agora está revoltado por ter este cedido a esposa a um imboaba.

— Temos que fazer alguma coisa para impedir que o povo que vem domar invada a nossa terra e nos tire tudo que temos: terra, mulher, filho e até a liberdade. Gupeva está cego de medo e por isso não consegue agir; ao contrário, entrega a um imboaba tudo que tem, inclusive a esposa. Dizem que esse imboaba tem o poder do fogo, mas dele medo não tenho — fala Jararaca ao povo que comanda.

O ataque é devastador. Muito sangue é derramado. Diogo arma-se e luta bravamente ao lado de

18

sua Paraguaçu, que se mostra fiel companheira e grande amazona. Os dois, junto com outros valentes nativos, vencem a batalha.

Jararaca, quando percebe a derrota, foge para o meio da mata. Na fuga, é ferido no pé por uma flechada. O pé fica preso à terra de tal forma que por mais que tente não consegue retirá-lo a não ser que o arranque. Os seus companheiros correm em seu auxílio, porém há inimigos escondidos que atacam de surpresa. Alguns são feridos, outros fogem e Jararaca, vendo-se sem saída, arranca a flecha e deixa parte do pé no local.

*Imboaba: homem branco, europeu.*



**E**nquanto isso, Paraguaçu, que já se prepara para comemorar com seu amado a vitória, é surpreendida. Um inimigo joga de cima de uma árvore um galho que a atinge e a faz desmaiar. Ao vê-la assim vulnerável, todos correm para prendê-la. Paraguaçu acorda e percebe o perigo que está correndo e a única coisa que faz é pensar em seu Diogo.

Distante dali, Diogo recebe a notícia do que aconteceu a sua esposa. Imediatamente, arma-se e segue para o local onde Paraguaçu é mantida refém. Chega atirando e matando todos que ali estão. Paraguaçu corre para seus braços e neles se sente protegida novamente.

20

Apesar de alcançar a vitória, Paraguaçu não está feliz, pois não consegue entender o porquê de tanta violência. Ela pergunta a Diogo:

— Se seu Deus realmente existe e é tão justo como diz, por que permite que tanto sangue seja derramado em vão?

— Por que culpar a Deus e não aos homens? Deus nos indica o caminho, mas nós é que escolhemos se queremos ou não segui-lo — responde Diogo.

Paraguaçu compreende as palavras de Diogo e descansa da difícil batalha em seus braços.



**T**udo parece tranquilo, porém Jararaca não desiste da vingança e, novamente, reúne forças para combater o herói português.

— Com certeza, se ele tem o poder do fogo, o da água ele não tem, afinal a água apaga o fogo. Devemos, portanto, atacar pelo mar, na praia — ordena Jararaca ao povo reunido.

E mais uma vez Diogo pega suas armas e a pólvora que lhe resta para defender-se de um ataque. Facilmente consegue vencer mais uma batalha. Mas Jararaca está escondido em terra e, sem desistir de seu propósito, resolve aprisionar o pai de Paraguaçu, Taparica.

22

Jararaca consegue prender Taparica, que já cansado de tantas batalhas não apresenta grande resistência. Diogo toma conhecimento do ocorrido com seu sogro e, ao ver a tristeza no rosto de sua esposa, parte imediatamente em seu socorro.

Ao chegar, encontra Jararaca abraçado a Taparica. Teme atingir o sogro se atirar com sua arma. Mas não tem outra saída se não tentar, pois Jararaca ameaça matar o pobre homem. Com pontaria precisa, atira e acerta a cabeça de Jararaca que se separa do corpo.



**D**epois desse episódio, o Grande Caramuru, que já era admirado e respeitado por todos, passou a ser tratado como um verdadeiro herói. As mulheres da aldeia passam a desejá-lo como marido. Isso incomoda um pouco Paraguaçu, que começa a pensar em partir para a Europa onde possa viver em paz.

Um dia chega à praia uma esquadra francesa. Diogo resolve partir com a esposa. Despede-se de todos e parte.

Chegando à França, o casal é recebido pelo rei, que já tinha ouvido falar das aventuras de Caramuru na terra distante. Como Diogo e Paraguaçu não receberam os votos matrimoniais da

24

igreja, não são considerados casados pelo povo europeu. Sendo assim, providenciam tudo para que o casamento segundo as leis do cristianismo seja confirmado.

Primeiro Paraguaçu é batizada e recebe o nome de Catarina; depois a cerimônia do matrimônio é efetuada. Agora, os dois amantes são considerados marido e mulher perante Deus.



O tempo passa e Diogo começa sentir necessidade de voltar à Bahia para terminar o que havia começado: dar a luz divina àqueles que, por ingenuidade, estão nas trevas. Paraguaçu, agora Catarina, também sente falta de sua terra, de seu povo.

Percebendo a vontade de Diogo, o rei da França oferece a ele navios e gente para voltar ao Brasil e trazer para o país de Paraguaçu homens que possam trabalhar. O rei diz:

— Há algum tempo, acreditava-se que ao se descobrir um novo mundo devia-se matar toda a gente que lá existisse para povoá-la novamente. Isso é pura crueldade. A França precisa de braços

26

fortes para trabalhar na lavoura e com isso alimentar seu povo. Temos desse jeito lucro para ambos os lados.

— Antes de dar-lhe a minha resposta quero dizer-lhe o que penso – diz Diogo. — Considero Portugal o dono daquelas terras, já que Pedro Álvares Cabral a descobriu. Porém, enquanto a França abrigar-me, não vejo por que não recompensá-la.

E assim Diogo aceita a oferta do rei francês, mas antes manda avisar ao reino português sobre a expedição que logo partirá.



**D**urante a viagem, Paraguaçu cai num profundo sono que assusta Diogo, pois ele não sabe se ela apenas dorme ou se está doente. Depois de um certo tempo ela desperta e conta a todos os tripulantes o sonho que teve enquanto dormia.

Catarina, Paraguaçu, sonhou com o destino do Brasil, sua terra natal. Muitas lutas ocorreriam até que Portugal tomasse posse definitiva da terra.

— Vi no meu sonho muito ouro e diamante que faziam brilhar uma terra linda; essa terra brilhante era o Brasil, que por muitos outros povos será cobiçada por causa de sua riqueza ainda escondida — conta Catarina.

28

O povo escuta tudo atentamente e não sabe se acredita ou acha graça de suas palavras, mas ela se adianta:

— Não sei se o que vi é alguma profecia ou se é somente um sonho distante da realidade, mas muito claro me parecia.

A bela mulher termina dessa forma sua narrativa. Seu esposo, que a tudo ouvia pacientemente, a abraça e a beija com carinho.



**D**e repente surge no mar uma embarcação com a bandeira espanhola que regressava da Bahia. Diogo é convidado a ir até o barco para fazer uma visita. Depois de feitas as devidas apresentações, o comandante do navio conta tudo que se passou na Bahia enquanto Diogo esteve ausente.

Conta o comandante que por algum tempo, a Bahia se desenvolveu e teve paz sob o comando de Gupeva e Taparica. No entanto, a discórdia instalou-se entre os povos que viviam em harmonia. Gupeva foi abandonado pelo seu povo, Taparica foi morto e os portugueses que por ali se instalaram perderam tudo e vivem hoje escondidos no mato.

30

Diogo volta a sua embarcação e em pouco tempo chega à Bahia. É recebido pelo povo com festa. Todos lhe demonstram respeito e obediência. Diogo avista uma cabana que foi transformada em capela e dentro dela vê aquele quadro da Nossa Senhora que tanto encantou Gupeva. Enquanto se ajoelhou para rezar, ouve um som de grande armada que se aproxima da Bahia.



**A** esquadra portuguesa é comandada por Tomé de Sousa, que foi mandado pelo rei para ser o governador do lugar e continuar o trabalho que foi interrompido pela discórdia da qual falou o espanhol.

A lealdade de Diogo e Catarina é reconhecida e os dois são homenageados. Tomé de Sousa assume o governo e, junto com Diogo, faz valer as leis que a coroa portuguesa impõe.

